



CHARGE POLÍTICA: REALIDADE SATIRIZADA NA MÍDIA IMPRESSA

TOZZI ,Camila Cristina Branquinho Barbosa; SILVA, Bruna Gonçalves da; FURLAN
Guilherme Medeiros; DURIGAN, Regina Helena de Almeida

Resumo:

O trabalho tem como foco a charge política jornalística como discurso humorístico, que se utiliza principalmente de elementos da linguagem não-verbal para realizar críticas e proporcionar seu fácil entendimento. Além de transmitir informações de forma sucinta, com criatividade, e humor, esse recurso gráfico revela uma leitura crítica do mundo atual. O texto discorre sobre o processo da charge política, o principal mass media utilizado em sua propagação e o objetivo principal: seu entendimento pelo receptor universitário.

Palavras-chave: charge; mídia impressa; política; leitura.

Introdução

Este estudo ressalta a importância da charge política no Brasil e verifica se realmente há um entendimento do receptor quanto ao que foi emitido pelo chargista que, através do uso de símbolos, une humor com realidade e cria uma visão satirizada sobre a realidade vivida.

O trabalho do chargista, que utiliza a mídia impressa, é iniciado no entrosamento com o assunto que deseja tratar, pois quanto mais informação ele possuir, melhor. Em seguida, precisa estimular sua auto-censura, pois o trabalho com elementos do mundo político é minucioso e sábio. Por fim, é necessário criar uma cumplicidade com o público.

A charge é um meio cultural capaz de denunciar situações do país que nem todos conseguem ver. Porém, há uma grande preocupação com a propagação dessas informações, afinal, nem sempre o leitor consegue assimilar o conteúdo da mensagem ao que realmente foi transmitido pelo emissor, que seria o aguçar do senso crítico de cada um.

Enfim, o objetivo é saber se toda essa maturidade e seriedade, existentes no cartunista, estão realmente despertando o humor crítico e seu entendimento nos leitores.

O método utilizado para o desenvolvimento do trabalho consta de uma pesquisa bibliográfica sobre conceitos e informações a respeito de charge política. Utilizaremos como referencial teórico as discussões de M. Bakhtin, sobre marxismo e filosofia da linguagem, como meio de orientação e um questionário realizado junto ao público universitário.

1 Processo de uma charge

A palavra Charge - do francês "carga, descarga" - é um desenho crítico que alerta, denuncia, coíbe e leva à reflexão. Sem a necessidade de provocar risos ou gargalhadas, ela é utilizada pelo autor como forma de denúncia à determinada situação vivida no mundo e sua construção só tem sentido se for elaborada com figuras públicas, que sejam reconhecidas pela população. De acordo com Bakhtin (2002, p.95) *"a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial"*.

[...]a charge dirige-se à ação do indivíduo do social e, como consequência, necessita-se de vários elementos gráficos para se materializar, tais como: cenário, espaço,



perspectiva, movimento, onomatopéias e, às vezes, texto verbal para completar a ação ou para dar vozes aos personagens (AGOSTINHO, 1993, p.228).

O humor gráfico pode ser representado através dos irmãos paulistas Chico e Paulo Caruso, o carioca Ique, o paraibano Nildão, o paulistano Angeli, o gaúcho Edgar Vasques, entre outros, responsáveis por inserir a charge na cultura brasileira. Esses cartunistas são responsáveis por mostrar a realidade brasileira a partir de um ponto de vista bem-humorado e sob a ótica de uma sociedade inconformada e contestadora.

Charge política é um traço de reflexão através do humor, que reproduz sujeitos reais e resume conflitos político (TEIXEIRA, 1995, p.73).

Vale ressaltar, ainda, que a charge se popularizou em jornais e periódicos para estimular o consumo deste ou daquele impresso, mas foi ganhando espaço como material de opinião.

2 Charge no jornal

A charge teve presença garantida nos principais jornais da imprensa alternativa brasileira durante o período de ditadura militar, chamando a atenção dos leitores por meio de sátiras de um personagem ou uma situação, através dos exageros nos desenhos. Lembrando que uma charge não precisa necessariamente ter um texto escrito.

[...] a charge, além de utilizar informações veiculadas pelas notícias, desperta o interesse pelo humor, pelas idéias implícitas, pela crítica não permitida em outros tipos de texto do próprio jornal, enfim por revelar a ideologia subjacente aos discursos sociais. As informações novas transmitidas pelos jornais são quase as mesmas das notícias (GUILARDI, 1996).

O papel do jornal vai além da simples informação, ele foca reflexão do receptor. Transmite, por meio da mídia impressa, informações sobre um fato, sua procedência e sua relevância. A charge política não é muito diferente, pois cria um vínculo com acontecimentos de uma determinada região ou um poder político muito grande e, de maneira satirizada e sarcástica, propaga informação de uma maneira mais cômica e mostra com simples figuras o que não poderia ser dito com menos de mil palavras. Segundo o entendimento de Bakhtin



(2002, p.90) em relação à interpretação, podemos dizer que é uma resposta da pessoa para um texto (falado ou escrito). Para ele, o sujeito trabalha vozes sociais, ou seja, o "conhecimento de mundo" do sujeito é constituído de sua formação como ser social.

[...] o humor foi sempre considerado um foco contra resistência contra as mentiras, contra as injustiças, tem a capacidade de denunciar, de uma maneira não linear, não convencional, a situações da vida do cotidiano (PAIVA, 1993, p.34).

O jornal é importante para o chargista político, pois ele necessita de um rápido e fácil entendimento do leitor que, na maioria das vezes, não tem tempo ou, por preguiça, não pode ler um texto muito longo.

Mesmo a charge possuindo características individuais, ela consegue relacionar-se tanto com os textos encontrados dentro do jornal, como fora dele. Essa inter-relação textual permite ao leitor uma localização contextual, o que o auxilia na construção de sentidos e na interpretação da charge.

[...] narrar os fatos e expressar as idéias segundo os padrões historicamente definidos como jornalismo informativo e jornalismo opinativo não altera fundamentalmente o resultado do processo interativo que se estabelece entre a instituição jornalística e a coletividade (MELO, 1985, p.16).

De acordo com o cartunista Fortuna, a charge acaba se tomando "penduricalho" que o jornal apresenta como material de opinião. A charge acaba sendo uma espécie de "editorial gráfico" .

3 Trabalhando com o humor

O cartunista deve ser no mínimo ousado, estar informado sobre o que vai falar e deve ter uma opinião própria sobre o assunto discutido, pois, sem isso, ele não conseguirá atingir uma cumplicidade com o leitor.

Para se fazer humor é preciso haver cumplicidade com o público. Ninguém ri da piada que você conta, se não existe um código prévio entre você e seus ouvintes. Muitas vezes, este código está baseado no mais repugnante dos preconceitos, mas o vínculo deve existir (MARINGONI, 1996, pg. 88).



O humor existe porque há um humorista que o cria e um público que o pratica, havendo aí uma forte interação entre o humorista e seu público. Dentro do contexto bakhtiniano, interação relaciona-se com interpretação porque esta é um processo ativo, ou seja, interação é uma situação imediata ou uma situação mais ampla (ideologia) que tem a ver com as classes sociais.

O leitor, quando acha graça, está participando do sentido de humor do seu autor e está fornecendo-lhe material, apelidando, caricaturando verbalmente, fazendo piadas, produzindo uma gama de cultura engraçada ou irônica; fazer humor é uma forma de lazer - é a hora em que temos liberdade e tempo para explorar valores e identidades pessoais (CONFORTIN, 1999, p. 83).

A utilização da charge na mídia impressa age de maneira a deformar traços sem perder a ligação com o referente - alvo de crítica. Ela é composta de traços simples que reforçam as características visuais do personagem representado e tem compromisso com a crítica bem humorada, fazendo uso de desenhos cômicos. O riso nasce a partir da constatação das contradições arraigadas no contexto sociopolítico.

Se o humor pode existir apenas para divertir ou atrair pela sua engenhosidade ou inteligência, ninguém deve deixar de fazê-lo só para não parecer que está sendo cúmplice de uma desconversa. A única consequência inadmissível, no humorista, é não provocar os risos (POSSENTI, 1997, p. 219).

Enfim, o humor é um instrumento poderoso de denúncia social, política, econômica, mas que, ao mesmo tempo que é inteligente, precisa encontrar no leitor também uma aceitação e uma leitura inteligente.

4 Fatores imprescindíveis para o entendimento da charge

O objetivo interpretativo sobre o receptor da mensagem, é o de estabelecer uma linguagem visual desse leitor e, para que isso ocorra, é necessário um mínimo de conhecimento para o entendimento. A charge política, então, estimula e promove uma reflexão crítica sobre assuntos da atualidade.

O processo de decodificação (compreensão) não deve, em nenhum caso, ser confundido com o processo de identificação. Trata-se de dois processos profundamente distintos. O signo é decodificado; só o sinal é identificado. O sinal é

uma entidade de conteúdo imutável; ele não pode substituir nem refletir, nem retratar nada; constitui apenas um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto (preciso e imutável) ou este ou aquele acontecimento (igualmente preciso e imutável). O sinal não pertence ao domínio da ideologia; ele faz parte do mundo dos objetos técnicos, dos instrumentos de produção no sentido amplo do termo (BAKHTIN, 2002, p.93).

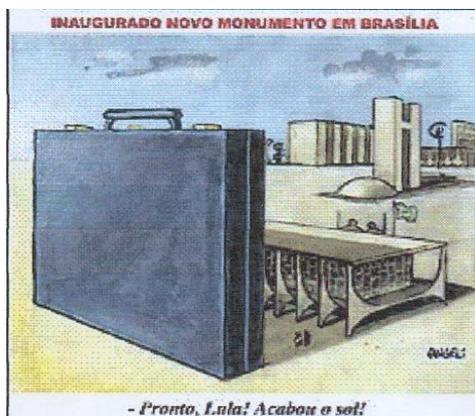
Definindo melhor o sentido de ideologia, na charge, dentro do contexto de Bakhtin, podemos dizer que todo signo é ideológico, caracterizado como uma realidade ideológica, que tem sua materialidade e que se constrói no ambiente social da comunicação, pela interação verbal.

Os diferentes gêneros discursivos exigem um leitor competente, que perceba os efeitos de sentido produzidos pela leitura dos textos com os quais entra em contato. É fundamental que ele "saiba ler" desde um anúncio publicitário, uma charge jornalística, uma novela televisiva, até um livro científico ou uma obra literária. A charge não deve ser entendida como uma estrutura acabada, pois caso o leitor não tenha conhecimento prévio do assunto, poderá alcançar determinados sentidos, mas não alcançará necessariamente o sentido pretendido pelo chargista. Por essa razão, o repertório cultural do leitor é também um dos pontos importantes para construção do sentido do texto charge.

Depois dessas considerações e, como este estudo consiste na avaliação de entendimento universitário sobre charges, foi realizada uma pesquisa qualitativa, através de um questionário (Anexo 1). Vejamos estas duas charges do chargista Angeli.

Figura 1 Análise de charge

Fonte: <http://www2.uol.com.br/angeli>



A charge se refere ao ano que ocorreu o escândalo do mensalão, no qual fala sobre a corrupção no planalto, envolvendo uma quantia vultosa de dinheiro. A frase "Pronto, Lula! Acabou o sol!" pode ser atribuída ao sentido que com tanta corrupção descoberta o governo estaria no escuro.

Angeli, responsável pelo cartum editorial da Folha de São Paulo, onde também publica a tira diária Chiclete com Banana, no caderno Ilustração, utiliza o elemento verbal se limitando à legenda, que funciona como guia para a recuperação de seu intertexto.

Figura 2 Análise de charge

Fonte: <http://www2.uol.com.br/angeli>



Essa charge critica o programa fome zero, implantado no início do mandato do presidente Luis Inácio da Silva, sobre a ótica de que "propaganda é a alma do negócio" em que o projeto foi muito falado, mas não resolveu um dos grandes problemas sociais: a fome.

A pesquisa foi realizada com estudantes universitários de gastronomia, administração, publicidade e propaganda, psicologia, direito e jornalismo, com idade entre 18 e 23 anos.

O resultado final obtido nos permite afirmar que, todos os entrevistados foram capazes de definir/descrever o que vem a ser uma charge política e discorrer sobre sua importância na mídia impressa. Algumas colocações sobre a importância da charge política: utilizada para chamar a atenção para os acontecimentos negativos ocorrentes no governo; um meio de mostrar o descontentamento da população em relação aos feitos políticos; importante ferramenta de comunicação usada para atrair a atenção do leitor para os assuntos públicos e a realidade do país.

A maioria dos pesquisados tem contato com charge através da TV, do jornal, da internet e e-mails. Pouco mais da metade, disseram que a complexidade da interpretação do leitor sobre as charges é inexistente, ou seja, as charges são de fácil entendimento. E sobre as charges questionadas, todos conseguiram discorrer corretamente sobre elas, sem nenhuma dúvida.

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda a inscrição prolonga aquelas que a precederão, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. [...] A enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. A enunciação é de natureza social (BAKHTIN, 2002, p.93)

Portanto, analisar os conceitos bakhtinianos referentes à enunciação no processo de comunicação e interação social, realizado pela charge, demonstra a reprodução do enunciado através da utilização de fragmentos da realidade, para influir ideologicamente na formação de opinião pública. O leitor, público do enunciado, pode fazer diferentes apreciações da mesma charge. Cada leitor tem um entender a partir de seu próprio contexto.

Conclusão

Fica agora nossa contribuição para a compreensão do processo de elaboração, aplicação e entendimento de uma charge política que, através do humor, constitui importante modalidade do discurso jornalístico.

Percebemos, ainda, que a charge se encontra vinculada a fatos, personagens e acontecimentos atuais de forma humorada.

Sobre as pesquisas, podemos afirmar que, durante sua aplicação, não houve dificuldade de interpretação, mesmo com o alto grau de complexidade dos trabalhos de Angeli. O humor em sua charges é “refinado”, e para construção de sentido faz-se necessário uma extensa bagagem de conhecimento tanto do mundo, quanto dos fatores da atualidade, quer seja na identificação de personagens, quer seja na contextualização política/mundial/social a que a charge faz referência.

Portanto, consideramos a charge um recurso de comunicação poderoso, por sua linguagem sintética, com a leitura centrada na imagem caricatural de uma pessoa ou instituição e texto econômico enfatizando a mensagem.



Referências

AGOSTINHO, Aucione Torres. *A charge*. São Paulo, ECA/USP, 1993

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. De Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

GHILARDI, M.I. *A charge jornalística e a questão da informatividade*. Letras. Campinas, PUCCAMP, v. 15 (1/2), dezembro de 1996.

MARINGONI, Gilberto. *Humor da charge política no jornal*. In Revista de Comunicação e Educação nO 7. São Paulo, Moderna, 1996.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *Sentido do Humor, trapaças da razão, a charge*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.